

A VIDA É SONHO

Calderón de La Barca

PERSONAGENS

BASÍLIO, Rei da Polônia

SEGISMUNDO, Príncipe

ASTOLFO, Duque de Moscou

CLOTALDO, Velho

CLARIM, gracioso (criado de Rosaura)

ESTRELA, Infanta

ROSAURA, Dama

Além de soldados, guardas, músicos, comitivas, criados e damas.

CENÁRIO

Cenas na corte da Polônia, numa fortaleza pouco distante, e no campo.

PRIMEIRA JORNADA

(De um lado um áspero monte; de outro, uma torre, cuja parte térrea serve de prisão a Segismundo. A porta que dá frente para o espectador está entreaberta. A ação principia ao anoitecer; Rosaura, vestida de homem, aparece no alto do monte pedregoso, e desce: Clarim a acompanha.)

ROSAURA – Ah, centauro violento que correste parelhas com o vento! Já que por estas penhas te enfureces, arrastas e despenhas lica-te neste monte que eu seguirei sem ti a minha sorte! Mal, Polônia, recebes a um estrangeiro, pois com sangue escreves sua entrada em tuas pedras e aterras a quem chega em tuas terras! Bem minha sorte o diz. Mas quando achou piedade um infeliz?

CLARIM – Um só? Diz dois! Por que me esqueces? Fomos dois a sair em busca de aventuras, dois os que entre desditas e loucuras viemos parar aqui[...] Dois caídos na montanha, sem cavalos, perdidos[...] Isso não é bastante pra unir nossos pesares? Ah, senhora, e agora? A pé, sozinhos e perdidos a esta hora?

(Ouvem-se ruídos de corrente.)

CLARIM – Céus! Que ouço?

ROSAURA – Deus! Que é isso?

CLARIM – Correntes? Deve ser um calabouço!

SEGISMUNDO (dentro) - Ai, misero de mim! Ai, infeliz!

ROSAURA – Que triste voz! Que triste esse rumor!

CLARIM – A mim me dá pavor!

ROSAURA – Clarim...

CLARIM – Senhora...

ROSAURA – Fugamos dos perigos desta torre encantada...

CLARIM – Animo pra fugir é que me falta...

ROSAURA – Se fugir não podemos, ao menos suas desditas escutemos...

(Abre-se a porta e aparece Segismundo, acorrentado e vestido de peles. Há luz na torre.)

SEGISMUNDO – Ai, misero de mim! Ai, infeliz! Descobrir, oh Deus, pretendo, já que me trata assim que delito cometi fatal, contra ti, nascendo. Mas eu nasci, e compreendo que o crime foi cometido pois o delito maior do homem é ter nascido. Só quereria saber se em algo mais te ofendi pra me castigares mais. Não nasceram os demais? Então, se os outros nasceram que privilégio tiveram que eu não tive jamais? Nasce o pássaro dourado, jóia de tanta beleza e é flor de pluma e riqueza ou bem ramalhete alado quando o céu desanuviado corta com velocidade negando-se à piedade do ninho que deixa em calma: e por que, tendo mais alma, tenho menos liberdade? Nasce a fera, e muito cedo a humana necessidade ensina-lhe a crueldade, monstro de seu labirinto; e eu, com melhor instinto tenho menos liberdade? Nasce o peixe e não respira, aborto de ovas e lamas, é apenas barco de escamas quando nas ondas se mira e por toda parte vira medindo a imensidade de sua capacidade; tanto lhe dá sul ou norte. E eu que sei da minha sorte tenho menos liberdade? Nasce o regato, serpente que entre flores se desata e como cobra de prata entre as flores se distende celebrando a majestade do campo aberto à fugida. Por que eu, tendo mais vida, tenho menos liberdade? Em chegando a esta paixão, num vulcão todo transfeito, quisera arrancar do peito pedaços do coração; que lei, justiça ou razão recusar aos homens sabe privilégio tão suave, licença tão essencial dada por Deus ao cristal, a um peixe, a um bruto e a uma ave?

ROSAURA – Tenho pena[...] e tenho medo...

SEGISMUNDO – Quem me ouviu? Clotaldo?

CLARIM (a sua ama) - Diz que sim...

ROSAURA – Um triste apenas... que conheceu tuas queixas...

SEGISMUNDO (agarrando-a) - Apenas porque me ouviste é preciso que eu te mate.

CLARIM - Eu sou surdo!

ROSAURA - Se és homem, bastará que eu me ajoelhe, para que me veja livre.

SEGISMUNDO - A tua voz me entenece, tua presença me encanta... eu te respeito por força. Quem és? Nada sei do mundo... Esta torre me foi berço e sepulcro. Nunca vi nem falei senão a um homem e só por ele sei notícias do céu e da terra. Sou um homem para as feras e uma fera para os homens. Dos animais, aprendi política, e aconselhado pelos pássaros contemplei os astros e aprendi a medir os círculos. Só tu conseguiste aplacar minha ira, surpreender meus ouvidos e encantar meus olhos. Olho-te e quero ver-te ainda mais. Fala: quem

ROSAURA - Com tanto assombro de ver-te, com espanto de te ouvir, não sei que possa dizer-te nem o que te perguntar. Eu sou..

(Ouve-se a voz de Clotaldo, dentro)

CLOTALDO (dentro) - Guardas desta torre! Adormecido ou covarde, alguém deu passagem a duas pessoas que violaram o cárcere...

ROSAURA - Que mais perigos me esperam?

SEGISMUNDO - Eis Clotaldo, o meu guardião. Que novas infelicidades devo sofrer?

CLOTALDO (dentro) - Venham, guardas, para prender ou matar!

VOZES (dentro) - Traição!

CLARIM - Guardas da torre! Se nos é dado escolher... preferimos a prisão!

(Entram Clotaldo e os Soldados; Clotaldo com arma de fogo, e os mais com o rosto coberto)

CLOTALDO (aparte, aos soldados) - Cubram o rosto. É importante que não saibam quem somos.

CLARIM - Brincando de mascarados?

CLOTALDO – Haveis ultrapassado os limites permitidos e desrespeitado o decreto real. Vossas armas e vidas, senão usarei de força.

SEGISMUNDO – Antes, tirano, que toques ou ofendas a estas pessoas, acabará minha vida nestes grilhões miseráveis. Juro pelos céus! Despedaçado aqui me terás, com minhas mãos e meus dentes, antes que consinta em teus ultrajes.

CLOTALDO – Segismundo! Se sabes que tuas desditas são tão grandes que, mesmo antes de nascer, morreste pela lei dos céus... se sabes que esta prisão é o freio da tua arrogância, por que esse orgulho? (aos soldados) Fechem a porta do cárcere.

SEGISMUNDO – Ah, céu, que bem fazes em tirar-me a liberdade! Se assim não fosse eu seria um gigante contra ti!

CLOTALDO – Por isso é que padeces tantos males.

(Segismundo é levado por soldados, que o encerram na prisão)

ROSAURA – Já percebi que a soberba te ofende. Por isso, humilde, estou aqui a teus pés.

CLARIM – E se nem humildade nem orgulho te cativam, eu, nem humilde nem orgulhoso, antes confundido entre as duas metades, peço-te que nos desculpe ampares.

CLOTALDO (aos soldados) - Hei!

SOLDADOS - Senhor...

CLOTALDO – Tirem as armas dos dois, e ponham vendas em seus olhos, para que não vejam de onde saem, nem como o fazem.

ROSAURA – Aqui está a minha espada. Não a entrego a qualquer um.

CLARIM – A minha é tão ordinária que pode ser entregue até ao pior sujeito. (a um soldado) Toma lá.

ROSAURA – Se hei de morrer sem remédio, quero deixar-te esta espada, prenda que foi estimada por quem um dia a cingiu. Por algum pressentimento, sei que esta arma dourada encerra mistérios

grandes. Nela apenas confiado, venho à Polônia vingar-me.

CLOTALDO (aparte) - Céus! Que é isto? E quem te deu esta espada?

ROSAURA - Uma mulher.

CLOTALDO - Seu nome?

ROSAURA - Não posso dizer o nome.

CLOTALDO - Por que achas que há um segredo nessa arma?

ROSAURA - Quem me deu a espada, disse: "vai à Polônia e procura com perseverança e arte que a vejam nobres senhores porque algum há de ajudarte".

CLOTALDO (aparte) - Valha-me o céu! É possível? Esta é a espada que um dia dei à formosa Violante e, por ela, ao nosso filho: esse seria o sinal para ser reconhecido. Mas que fazer, se é usada por um homem condenado? Este é meu filho, bem vejo, bem o diz o coração, mas que fazer? Pois, levá-lo ao Rei é levá-lo à morte e não levar é traição. De um lado o amor de pai e do outro a lealdade. Porém, como duvidar se a obediência à majestade vem em primeiro lugar? E, agora, penso melhor: ele falou em vingança. Homem que está ofendido é antes de tudo infame. Portanto não é meu filho, nem ter o meu nobre sangue. De Clorinda, minha esposa, tive um desgraçado filho, para cujo parto os céus se esgotaram em prodígios, Antes que à formosa luz The desse o sepulcro vivo de um ventre (porque o nascer e o morrer são parecidos) sua mãe, muitíssimas vezes entre idéias e delírios sonhou que ele rompia suas entranhas, atrevido, qual monstro em forma de homem:

por seu sangue tingido dava morte à sua mãe, sendo assim humana vibora. Chegou o dia do parto e os presságios se cumpriram. Foi tal a força dos astros que o Sol, no seu sangue tinto, entrou a lutar com a Lua como dois faróis divinos. Foi este o maior eclipse pelo Sol já padecido, desde que chorou com

sangue a crua morte de Cristo. Julgou-se que o Sol morria no último paroxismo. O céu se obscureceu, tremeram os edificios, choveram pedras as nuvens e correu sangue nos rios. Assim nasceu Segismundo dando-nos os maus indícios porque matou sua mãe e foi como se dissesse: "homem sou: porque começo a pagar mal beneficios". Vi que meu filho seria o homem mais atrevido. o principe mais cruel eo monarca mais terrível. Com ele o reino seria totalmente dividido, escola de traições e academia de vícios. E que eu a seus pés seria roto, pisado e ofendido. Acreditei nos presságios porque são vozes divinas e resolvi encerrar em prisão o mal-nascido, para ver se o sábio tem sobre as estrelas dominio. Mandei contar que o infante morrera quando nascido; fiz construir uma torre. Nessa torre é que ele vive, pobre, misero e cativo. Só digo três coisas mais: a primeira é que te estimo tanto, Polônia, que quis livrar-te de um rei indigno. A segunda é minha dúvida sobre o direito que tive ao desviar de meu sangue honra que lhe era devida. Pois para evitar que o faça fiz a meu filho um delito. Esta é a última e terceira: talvez um erro haja sido acreditar-se nos astros quando existe o livre-arbítrio. Por todas essas razões decidi propor-vos isto: amanhã vou colocar no meu lugar o meu filho; sem que ele saiba quem é será rei qual tenho sido. Com isso conseguirei três respostas aos três itens: primeira - se ele for calmo, prudente e benigno, desmentirá de uma vez totalmente o seu destino. Segunda - se for cruel, soberbo, ousado e atrevido, saberei que estive certo, minha obrigação cumprindo. Finalmente, se assim for, tereis soberanos dignos de minha coroa e cetro: esses serão meus sobrinhos, unidos em matrimônio um do outro merecidos.

ASTOLFO – Como o mais interessado, digo que Segismundo apareça, pois basta-lhe ser teu filho.

TODOS – Dai-nos o nosso príncipe, que já desejamos rei!

BASÍLIO – Vassallos, vereis amanhã o meu filho.

TODOS – Viva o grande rei Basílio!

(Saem todos acompanhando Estrela e Astolfo, fica o rei; entram Clotaldo, Rosaura e Clarim.)

CLOTALDO – Posso falar-te, senhor?

BASÍLIO – Clotaldo, bem-vindo sejas.

CLOTALDO – Aconteceu uma coisa, ó Rei, que rompe o foro da lei e do costume.

BASÍLIO – Que foi?

CLOTALDO – Um belo jovem, ousado e inadvertido, entrou na torre... E esse jovem, senhor, é...

BASÍLIO – Não te aflijas, Clotaldo. Se isso tivesse acontecido em outro dia, confesso que o lamentaria. Mas já divulguei o segredo e portanto, não importa que ele o saiba. Procura-me mais tarde, porque tenho muitas coisas que te dizer, e muitas a te pedir. Terás de ser o instrumento do maior acontecimento que o mundo já viu. E perdão a esse jovem, para que, enfim, não penses que castigo os teus descuidos. sai

CLOTALDO – Que vivas, Senhor, mil séculos!
(aparte) Melhorou o céu a minha sorte! Já não direi que é meu filho, pois já posso poupar a sua vida. (alto) Estrangeiros, estais livres.

ROSAURA – Beijo os teus pés mil vezes.

CLARIM – E eu vejo-os, que uma letra não faz diferença...

ROSAURA – Deste-me a vida, senhor e, já que vivo por tua vontade, serei teu eterno escravo.

CLOTALDO – Não foi vida o que te dei, porque um homem agravado não está vivo.

ROSAURA – Mas com a vingança deixarei a minha honra tão limpa que a minha vida há de poder parecer dádiva tua

CLOTALDO – Toma a espada que me entregaste. Ela basta, eu sei, para te vingar. Espada que foi minha – ainda que só por momentos - sempre te servirá.

ROSAURA – E sobre ela juro vingança, mesmo que o meu inimigo fosse mais poderoso do que é.

CLOTALDO – Ele é muito poderoso?

ROSAURA – Tão poderoso que nem quero falar disso.

CLOTALDO – Melhor seria esclarecer de quem se trata, para que eu não venha a ajudar o teu inimigo.

ROSAURA – Meu adversário é nada menos que Astolfo, duque de Moscou.

CLOTALDO – (aparte) Céus! (alto) Se nasceste moscovita, pouco poderá ter-te ofendido aquele que é teu natural senhor. Regressa a tua pátria, pois, e deixa esse ardente brio que te precipita.

ROSAURA – Ofendeu-me, embora fosse o meu príncipe.

CLOTALDO – Não é possível, mesmo que atrevidamente tivesse posto a mão no teu rosto.

ROSAURA – A ofensa que me fez foi bem maior.

CLOTALDO – Explica-te, pois não podes ir além do que eu imagino.

ROSAURA – Poderia falar; porém, não sei com que respeito te olho, com que afeto te venero, com que estima te ouço, que não me atrevo a dizer-te que este traje esconde um enigma, pois ele não é de quem parece.

CLOTALDO – Como?

ROSAURA – Basta-te saber que não sou o que pareço e que se Astolfo veio para casar com Estrela, poderá sem dúvida ofender-me. E com isto já te disse bastante.

(Saem Rosaura e Clarim)

CLOTALDO – Escuta, espera! Detêr-te! Que confuso labirinto é este, por onde a razão não consegue achar o fio! A minha honra é a ofendida, poderoso o inimigo. eu vassalo, ela mulher: descubra o céu um

caminho, mas eu duvido, em verdade, de que possa descobri-lo, quando em tão confuso abismo, todo o céu é um presságio e todo o mundo um prodígio.

SEGUNDA JORNADA

(Salão do Palácio Real. Basílio e Clotaldo)

CLOTALDO – Tudo foi feito conforme ordenaste. Com a agradável bebida que com tantas ervas mandaste preparar, desci à estreita prisão de Segismundo. A fim de que se encorajasse para a empresa que solicitas, falei com ele sobre a presteza de uma águia vertiginosa que, desprezando a rosa dos ventos, passava a ser na altitude suprema do fogo um raio de pluma ou um cometa em liberdade. Ele não precisa de mais; tocando neste assunto da majestade, discorre com ambição e orgulho, e disse-me: "Que na inquieta república das aves haja também quem lhes jure obediência! Isto me consola. Se estou subjogado, é à força porque voluntariamente jamais me renderia". Vendo-o já enfurecido com isto, que tem sido tema da sua dor, ofereci-lhe logo o licor e, sem forças, ele caiu no sono; vi no seu corpo um suor frio, de modo que, se eu não soubesse que era morte fingida, duvidaria da sua vida. Coloquei-o numa carruagem e levei-o até o teu quarto, preparado com a majestade e a grandeza que a sua pessoa merece. Lá o deitamos na tua cama e quando o letargo se dissipar, será por nós servido, com majestade e grandeza. Qual é o teu intento, trazendo desta maneira Segismundo cá para o palácio? Explica, se a minha obediência merece esse favor.

BASÍLIO – Quero satisfazer-te, dando resposta a tudo. Se hoje ele soubesse que é meu filho e amanhã se visse outra vez reduzido à prisão e à miséria, não haveria dúvida que, pelo seu caráter, ficaria para sempre desesperado, pois sabendo quem é, que consolo poderia ter? Por isto quis deixar aberta uma porta ao desgosto: Ele poderá dizer que foi sonhado quanto aqui viu. Deste modo poderemos verificar duas coisas: a primeira é a sua natureza, porque ele,

acordado, pode fazer quanto pensa ou imagina; a segunda é o consolo, pois ainda que agora seja obedecido e depois torne a sua prisão, poderá entender que sonhou, e isto far-lhe-á bem. De resto, Clotaldo, no mundo, todos os que vivem sonham.

CLOTALDO – Não me faltariam razões para provar que te enganas; mas já não há remédio e, pelo que ouço, parece que teu filho despertou, encaminhando-se para nós.

BASÍLIO – Quero retirar-me. Tu, como seu guia, procurá-lo e desfazes as incompreensões que o cercam.

CLOTALDO – Tenho licença para lhe dizer a verdade?

BASÍLIO – Sim. Sabendo a verdade pode ser que si que a conhecer o perigo e que assim mais facilmente o vença. (sai)

(Entra Clarim)

CLARIM (aparte) - Entrar aqui custou-me quatro pauladas de um guarda ruivo que inchou dentro da farda. Acho que já tenho o direito de ver o que está acontecendo. Para entrar nesta festança, um homem despojado e despejado não pode ter vengonha...

CLOTALDO – Clarim, que há de novo?

CLARIM – Há que por tua clemência, disposta a vingar agravos, a Rosaura aconselhaste que tome seu próprio traje.

CLOTALDO – Fiz isso para que não pareça leviandade o vestir roupas de homem...

CLARIM – Há que, mudando seu nome ela hoje se apresenta qual se fosse tua sobrinha e agora é dama de Estrela.

CLOTALDO – Fez bem em gozar finalmente a honra que o nosso parentesco lhe dá.

CLARIM – Há que ela está esperando que a ocasião logo chegue para vingar sua honra como já lhe prometeste.

CLOTALDO – É um cuidado sensato. No entanto, só o tempo há de tornar isso possível.

CLARIM – Há que ela está reyalada, servida como princesa por ser a tua sobrinha... ... e de mim ninguém se lembra!

CLOTALDO – O teu lamento é justo. Vou te satisfazer. Entretanto, colabora comigo.

CLARIM – Segismundo já vem aí!

(Entram músicos cantando e criados que entregam vestes a Segismundo. Clarim canta)

CANÇÃO DE CLARIM

CLARIM (cantando) Houve um jovem bem nascido que numa torre encantada viveu vinte anos de vida sem nunca ter visto nada do que era a sua vida do que era a sua vida... Um dia, meio desperto, viu ao seu lado um criado e outro jovem tão formoso que o prisioneiro, encantado, queria-o sempre ao seu lado e podia tê-lo amado... Onde está o prisioneiro, onde está o cavaleiro e onde está o criado? Não há cavalo nem moço, nem torre, príncipe, nada, porque tudo foi sonhado... porque tudo foi sonhado...

(Segismundo entra)

SEGISMUNDO – Estranho é tudo que vejo... Tudo que sinto e respiro... É espanto o que admiro... é tanto que já não creio... Eu, em telas e brocados, eu, cercado de criados, um leito cheio de sedas, gente pronta a me vestir... Não sonho? Ou sim? É engano. Bem sei que estou acordado. Eu sou Segismundo... Não? Céu... o que é que foi mudado? Que fez minha fantasia? O que fizeram de mim? Que houve enquanto eu dormia? Isto que eu sou terá fim? Não sei... não posso saber... Já não quero discutir... Melhor deixar-me servir... E seja o que há de ser.

1º CRIADO – Quanta melancolia!

2º CRIADO – Quem não estaria melancólico no seu caso?

CLARIM – Eu.

2º CRIADO – Basta de conversa.

1º CRIADO (a Segismundo) - Devem continuar a cantar?

SEGISMUNDO – Não, não quero que cantem mais.

2º CRIADO – Pretendíamos alegrar-te, visto que estás tão absorto.

SEGISMUNDO – Eu não preciso distrair-me com as suas vozes. Só gostei de ouvir as músicas marciais.

CLOTALDO – Dê-me vossa alteza, grande senhor, a mão a beijar.

SEGISMUNDO (aparte) - Clotaldo, como será possível distinguir-me com tal respeito quem na prisão me maltratava? Que se passa comigo?

CLOTALDO – Com a grande confusão que este novo estado te dá, sofrerá mil dúvidas o teu entendimento e a tua razão. Senhor, és o príncipe herdeiro da Polônia. Se estiveste escondido, isso foi devido às inclemências da sorte, que promete grandes tragédias a este império ao coroar a tua augusta fronte com os lauréis régios. Apesar de tudo, no entanto, creio em tua inteligência. Sei que vencerás o prognóstico das estrelas. Um varão magnânimo pode vencê-las. Trouxeram-te da torre em que vivias para este palácio, enquanto tinhas os senti dos rendidos ao sono. Teu pai, o rei meu senhor, virá ver-te e por ele saberás o restante.

SEGISMUNDO – Vil, infame e traidor! Mas que tenho eu de saber mais, agora que sei quem sou, para mostrar desde hoje o meu orgulho e o meu poder? Como pudeste trair a tua pátria, a ponto de me ocultares, negando-me a minha condição, contra a razão e o direito?

CLOTALDO – Triste de mim, meu senhor!

SEGISMUNDO – Traíste a lei, lisonjeaste o rei e foste cruel para mim; e assim a lei, o rei e eu, entre infelicidades tão duras, condenam-te à morte!

2º CRIADO – Senhor...

SEGISMUNDO – Que ninguém me interrompa, isso será esforço vão! E por Deus! Se alguém interferir, joga-o pela janela.

2º CRIADO – Foge, Clotaldo!

CLOTALDO – Ai de ti, que tanto orgulho mostras, sem saber que estás vivendo um sonho! (sai)

2º CRIADO – Senhor, repare que...

SEGISMUNDO – Retira-te daqui.

2º CRIADO – ... que ele obedeceu ao rei.

SEGISMUNDO – Naquilo que não é lei justa, ele não deve obedecer ao rei, mas ao seu príncipe, que sou eu.

2º CRIADO – Ele não tinha o direito de julgar se fazia bem ou mal.

SEGISMUNDO – Acho que estás contra mim, porque me rélicas.

CLARIM – Diz o príncipe muito bem, e tu fizeste muito mal.

2º CRIADO – Quem te deu licença para intervir?

CLARIM – Eu próprio a tomei.

SEGISMUNDO – Quem és?

CLARIM – Um intrometido; e neste ofício sou chefe; sou o maior mequetrefe que terá sido parido!

SEGISMUNDO – Só tu, nestes novos mundos me agradaste!

CLARIM – Eu, senhor, sou um grande agradador de todos os Segismundos...

(Entra Astolfo.)

ASTOLFO – Mil vezes feliz seja o dia, oh príncipe, em que te mostras, enchendo de sol a Polônia e de resplendor e alegria todos estes horizontes! Surges qual divina aurora, pois acabaste de sair, como o Sol, do seio dos montes! Surges, portanto, e embora tão tarde a tua frente seja coroada com o laurel régio, queira Deus que ainda tarde muito a tua morte!

SEGISMUNDO – Deus te guarde.

ASTOLFO – Só porque não me reconheces, devo desculpar-te por não me honrares mais. Sou Astolfo, duque de Moscou, e teu primo; haja igualdade entre nós.

SEGISMUNDO – Se digo que Deus te guarde não te mostro bastante agrado? Já que te queixas, alardeando quem és, para outra vez direi: que Deus não te guarde.

2º CRIADO (a Astolfo) - Considere Vossa Alteza que ele cresceu nos montes e por isso faltam-lhe modos. (a Segismundo) Astolfo, senhor, prefere...

SEGISMUNDO – Molestou-me ouvi-lo falar, dando-se tanta importância. Ademais, apressou-se em pôr o chapéu...

2º CRIADO – É pessoa importante.

SEGISMUNDO – Mais importante sou eu.

2º CRIADO – Contudo, é melhor que haja mais respeito entre os dois do que entre as demais pessoas.

SEGISMUNDO – Quem és tu para me falares desta maneira?

(Entra Estrela.)

ESTRELA – Seja Vossa Alteza muitas vezes bem-vinda ao trono que, agradecido, vos recebe e deseja; apesar das falsidades, oxalá nele vivais augusto e eminente, uma vida longa, que se conte por séculos e não por anos.

SEGISMUNDO (a Clarim) - Quem é esta soberba beldade? Quem é esta deusa humana? Quem é esta formosa mulher?

CLARIM – É tua prima Estrela, senhor.

SEGISMUNDO – Melhor dirias o Sol: (a Estrela) Podes, Estrela, ofuscar e dar alegria ao mais rutilante farol. Dá-me a beijar a tua mão, em cuja taça de alvura bebe a aurora sua pureza.

ESTRELA – Es galante e cortesão.

ASTOLFO (aparte) - Estou perdido.

2º CRIADO – Repara, senhor, que não é comedido ir tão longe, e jamais estando Astolfo...

SEGISMUNDO – Não me aborreças!

2º CRIADO – Digo o que é conveniente.

SEGISMUNDO – Tudo isso me enfada. Contra o meu gosto, nada me parece conveniente e justo.

2º CRIADO – Pois eu, senhor, te ouvi dizer que ao justo é bom obedecer e servir.

SEGISMUNDO – Também me ouviste dizer que saberei atirar pela janela quem me aborrecer!

2º CRIADO – Não se pode fazer isso a um homem como eu!

SEGISMUNDO – Não? Por Deus! Hei de provar que sim!

(Agarra o criado, levantando-o e o carrega, saindo da sala acompanhado pelos demais.)

ASTOLFO – Que vejo!

ESTRELA – Todos, todos para detê-lo! (sai)

(Vozes, fora; Segismundo volta a entrar)

SEGISMUNDO – Caiu ao mar, da varanda. Provei que podia ser feito.

ASTOLFO – Pois deverás medir com mais calma as tuas ações. O que vai de um ermo até o palácio é a mesma distância que separa os homens das feras.

SEGISMUNDO – Já que és tão severo e falas com tanto orgulho, tem cuidado. Talvez não aches em breve cabeça onde pôr o chapéu...

(Sai Astolfo, entram Basílio, Clarim e Criados.)

BASÍLIO – Que aconteceu aqui?

SEGISMUNDO – Não foi nada. Atirei daquela varanda abaixo um homem que me aborrecia.

CLARIM (a Segismundo) - É o rei. Não estás vendo?

BASÍLIO – A tua chegada já custou uma vida, logo no primeiro dia?

SEGISMUNDO – O homem me disse que aquilo não podia ser feito. Joguei e ganhei a aposta.

BASÍLIO – Pois muito me desgosta, príncipe, vir te ver, esperançado em te encontrar prudente e triunfante de fados e estrelas, e, em vez disso, te encontrar de animo tão áspero, que a primeira ação que neste momento praticaste foi um grave homicídio. Com que amor poderei agora estender os meus braços para estreitar os teus, se sei que eles são capazes de matar? As sim, eu, que vejo nos teus braços o instrumento desta morte, afasto-me deles. E embora tivesse desejado cingir amorosamente o teu peito, vou embora sem o fazer, pois sinto medo dos teus braços.

SEGISMUNDO – Posso prescindir disso, como até agora. Um pai que sabe usar contra mim tanta rudeza que de si me afasta, negando-se como pai, para me criar como uma fera e me tratar como um monstro, e chega a desejar a minha morte, convence-me da pouca importância que tem isso de não me dar os braços, porque me tira, afinal, a qualidade de ser humano.

BASÍLIO – Prouvera ao céu e a Deus que eu não tivesse chegado a dar-te vida, pois não escutaria a tua voz nem veria o teu atrevimento.

SEGISMUNDO – Se não me tivesses dado o ser, não me queixaria de ti. Mas, já que nasci, queixo-me porque me negaste. Embora dar seja a ação mais nobre que existe, é baixeza dar, para depois retirar.

BASÍLIO – Nem me agradeces o te haver de repente transformado de pobre prisioneiro em príncipe?

SEGISMUNDO – Que tenho eu de agradecer-te por isso? Tirano da minha vontade, se estás velho e caduco, que me dás ao morrer? Só o que é meu. És meu pai e meu rei. Logo, toda a grandeza da minha condição me é dada pela natureza, pelo direito da sua lei. Poderia, isso sim, pedir-te contas pelo tempo que me negaste liberdade, vida e honra. Deves agradecer que eu não cobre de ti, porque és tu o meu devedor.

BASÍLIO – És bárbaro e atrevido; cumpriu o céu o que ditou. Portanto, apelo para ele. Ainda que saibas agora quem és, e estejas informado, ouve bem este aviso: sê humilde e brando, porque talvez estejas a sonhar por mais que te sintas desperto.
(sai)

SEGISMUNDO (confuso) - Estarei sonhando? Estou tão mal ciente e desperto? Não sonho, pois sei ao certo o que fui eo que sou. Ainda que não te agrade hei de prosseguir aqui; sei quem sou e o que já vi por mais que isso te enfade. Não podes tirar-me o nome e o lugar de teu herdeiro. Se estive em prisão, primeiro, morto de frio e de fome, foi por não saber quem era; mas como informado estou de quem sou, já sei que sou *misto de homem e de fera*.

(Entra Rosaura, com trajés femininos.)

ROSAURA – Foi-me ordenado que seguisse Estrela, mas tenho medo de encontrar Astolfo. Clotaldo não quer que ele saiba quem sou nem que me veja, dizendo que isso interessa à minha honra. (pausa)
O príncipe está aqui...é melhor que eu me vá.

SEGISMUNDO – Ouve, mulher, um momento. Surpresa! Que vejo?

ROSAURA – O mesmo que eu, duvidando e crendo.

SEGISMUNDO – Eu já vi esta beleza em outra ocasião.

ROSAURA (aparte) - E eu vi esta pompa, esta grandeza, reduzida a uma estreita prisão.

SEGISMUNDO – Quem és?

ROSAURA – Sou uma infeliz dama de Estrela.

SEGISMUNDO – Diz antes que és sol, a cuja luz vive aquela estrela, pois é de ti que ela recebe o resplendor.

(Entra Clotaldo, que se oculta; Clarim e Criados.)

CLOTALDO –(aparte) - Preciso dominar Segismundo; afinal, eu o criei (pausa) Os dois juntos!

ROSAURA – Agradeço a tua gentileza. Que o meu silêncio, mais eloqüente que as palavras, te responda. Quando a razão é vagarosa, fala melhor, senhor, quem mais cala.

SEGISMUNDO – Espera, não te vás. Por que me queres deixar assim perdido?

ROSAURA – É licença que peço a vossa alteza.

SEGISMUNDO – Partir tão depressa é tomar a licença...

ROSAURA – Se não a dás, terei de tomá-la.

SEGISMUNDO – Farás que eu me torne grosseiro. A resistência é um veneno cruel para a minha paciência.

ROSAURA – Não ousos, nem posso ofender-te.

SEGISMUNDO – Para provar meu poder, quero afastar do teu rosto os vestígios do medo. Sou bastante inclinado a vencer o impossível. Hoje, arrojé pela janela um homem que me dizia que isso não se podia fazer. Assim, só para provar que posso, atirarei tua honra pela janela...

CLOTALDO (aparte) - Fica mais teimoso a cada hora... Que hei de fazer? Se por um louco desejo estão novamente arriscando a minha honra?

ROSAURA – Não era em vão que este reino infeliz receava, com a tua tirania, traições, delitos, lutas e mortes. Mas que pode fazer um homem que de humano só tem

o nome, e que nasceu no meio das feras, cruel, orgulhoso, bárbaro, tirano e atrevido?

SEGISMUNDO – Se não fossem as tuas injúrias, eu me mostraria cortês, para te cativar. Mas se falas de mim nesses termos, por Deus! Vou me esforçar por dar razão à injúria. (aos presentes) Deixem-nos sós! Fechem a porta, e que ninguém entre.

(Saem Clarim e os Criadas.)

ROSAURA (aparte) - Vou morrer[...] (alto) Senhor...

SEGISMUNDO -- Sou tirano. Por que pedes mercê?

CLOTALDO (aparecendo) - Príncipe, atende, olha...

SEGISMUNDO – É a segunda vez que me irritas, velho louco e caduco. Como pudeste entrar aqui?

CLOTALDO – Vim para aconselhar que sejas mais agradável se desejas reinar; já te vês senhor de todos,

e eu quero demover-te de crueldades, pois talvez tudo isso não passe de um sonho.

SEGISMUNDO – Tu me provocas, quando me ameaças com o desengano. Matando-te, verei se isto é sonho ou realidade.

(Segismundo arranca a adaga; Clotaldo detém a arma com a mão e põe-se de joelhos.)

CLOTALDO – Imploro-te que poupes a minha vida.

SEGISMUNDO – Tira essa mão da adaga!

CLOTALDO – Não a soltarei, enquanto não venha yente que detenha a tua cólera.

ROSAURA – Ai, Deus!

SEGISMUNDO – Solta, caduco, louco, bárbaro inimigo! Solta, ou morrerás de outra maneira!
(lutam)

ROSAURA – Corram todos depressa; Clotaldo vai ser morto!

(Entra Astolfo no momento em que Clotaldo vem cair a seus pés; interpõe-se aos contendores.)

ASTOLFO – Então, o que é isso, príncipe generoso? Assim se mancha adaga tão viril num sangue gelado? A meus pés, esta vida tornou-se sagrada para mim. De algo lhe servirá eu ter chegado.

SEGISMUNDO – Que sirva para morreres. Também poderei vingar-me agora, com a tua morte, da insolência que há pouco tiveste comigo.

ASTOLFO – Eu defendo a minha vida; assim, não ofendo a majestade.

(Astolfo desembainha a espada e lutam.)

CLOTALDO – Não o firas, senhor!

(Entram Basílio, Estrela e Comitiva.)

BASÍLIO – Lutam aqui, em meu palácio?

ESTRELA (aparte) - Astolfo.

BASÍLIO – Que aconteceu?

ASTOLFO – Nada, senhor, porque tu chegaste.
Embainham as espadas.

SEGISMUNDO – Muito, senhor, embora tenhas
chegado. Eu quis matar esse velho.

BASÍLIO – Não respeitavas aquelas cãs?

SEGISMUNDO – É vão pretender que eu respeite
cabelos brancos. Esses mesmos, hei de ver um dia
aos meus pés. (Sai)

BASÍLIO – Pois antes desse dia voltarás a dormir
onde poderás verificar que tudo quanto aconteceu
foi sonhado.

(Saem o Rei, Clotaldo e Comitiva.)

ASTOLFO – Em face do que houve entre mim e
Segismundo, prevejo orgulhos, infelicidades,
mortes...e sei que acerto, porque tudo acabará por
acontecer. No entanto, ao ver, senhora, esses olhos
magníficos...

ESTRELA – Acredito que essas linezas sejam
verdadeiras, mas devem destinar-se à dama cujo
retrato vi pendente no vosso peito.

(Entra Rosaura, que se oculta.)

ASTOLFO – Farei com que o retrato saia do meu
peito e nele entre a imagem da tua formosura. Vou
buscar o retrato. (afastando-se) Perdoa, bela
Rosaura, o agravo que te faço... (sai)

(Aparece Rosaura.)

ESTRELA – Astreia!

ROSAURA – Senhora!

ESTRELA – Quero confiar-te um segredo.

ROSAURA – Honras, senhora, quem te obedece.

ESTRELA – Apesar de te conhecer há pouco tempo,
Astreia, entrego-te as chaves da minha confiança.

ROSAURA – Dispõe desta tua serva.

ESTRELA – Pois, para dizer tudo em poucas palavras, o meu primo Astolfo vai casar comigo. Desgostou-me, no entanto, vê-lo trazer ao pescoço o retrato de uma dama. Falei-lhe cortesmente nisso, e ele, por galanteria, e por me querer bem, foi buscar o retrato para mostrar-me. Ora, isto me embaraça muito. Assim, peço-te que fiques aqui à sua espera. Quando ele vier, diz que o entregue a ti. Não te digo mais nada. És sensata e formosa, deves saber o que é o amor. (sai)

ROSAURA – Oxalá não o soubesse! Valha-me o céu! Que devo fazer hoje, nesta emergência? Se digo quem sou, Clotaldo, a quem minha vida deve este amparo, pode ficar ofendido comigo. Se não disser quem sou e Astolfo chega a ver-me, como hei de dissimular?

(Entra Astolfo, que traz o retrato.)

ASTOLFO – *Aqui está, senhora, o retrato. Mas...*

ROSAURA – Por que se detém Vossa Alteza? De que se admira?

ASTOLFO – De ouvir-te, Rosaura, e de te ver aqui.

ROSAURA – Eu, Rosaura? Engana-se Vossa Alteza se me toma por outra dama. Eu sou Astreia e a minha humildade não merece a grande dita de lhe causar essa perturbação.

ASTOLFO – Não continues a disfarçar, Rosaura. A alma nunca mente e, embora ela te veja como Astreia, é como Rosaura que te quer.

ROSAURA – Não compreendi, e, portanto, não sei responder. Apenas direi que Estrela mandou que o esperasse aqui, pedindo-me para dizer de sua parte que me entregue aquele tão discutido retrato: e que eu própria o vá levar.

ASTOLFO – Por mais esforços que faça, oh, como dissimulas mal, Rosaura!

ROSAURA – Já te disse que só espero o retrato.

ASTOLFO – Bem se queres levar o engano até o fim, é com o engano que te respondo. Dirás, Astreia, à

infanta, que a estimo tanto que, tendo-me ela pedido um retrato, seria pouco gentil enviá-lo. Assim, mando-lhe o original, para que o aprecie e estime: o original do retrato poderás tu levá-lo, porque está contigo.

ROSAURA – De-me Vossa Alteza esse retrato porque sem ele não saio daqui.

ASTOLFO – Mas como poderás levá-lo, se não o dou?

ROSAURA – Desta maneira. (procura tirá-lo)

ASTOLFO – E inútil.

ROSAURA – Por Deus! Ele não há de ir parar nas mãos de outra mulher!

ASTOLFO – És terrível!

ROSAURA – E tu ardiloso!

ASTOLFO – Basta, Rosaura minha.

ROSAURA – Eu, tua? Mentas, vilão. Ambos agarram o cordão com o retrato; entra Estrela.

ESTRELA – Astreia... Astolfo...que é isto?

ROSAURA – Se queres saber, senhora, eu te direi. (ignorando Astolfo, que pretende impedi-la) Vendo-te falar em retratos, recordei-me de que tinha um, meu, na manga. Quis vê-lo, e tirei-o, o retrato me caiu da mão, e Astolfo, que ainda tem o da outra dama, recolheu-o do chão; está tão rebelde que, em vez de me dar um, quer levar os dois. E como não me devolveia o meu, apesar dos rogos, eu, zangada e impaciente, quis arrebatá-lo. Aquele que ele tem na mão é o meu. Podes verificar.

ESTRELA – Dá-me, Astolfo, esse retrato. (rira o retrato da mão de Astolfo)

ASTOLFO – Senhora...

ESTRELA – As aparências não desmentem a verdade.

ROSAURA – Não é o meu?

ESTRELA – Pode haver dúvida?

ROSAURA – Agora pede que te dê o outro

ESTRELA – Toma o teu retrato e vai-te.

ROSAURA (apanhando o retrato) - Agora, venha o que vier. (sai)

ESTRELA - Dá-me agora o retrato que te pedi. Embora não pense ver-te nem falar-te jamais, não quero que ele fique em teu poder.

ASTOLFO - Embora quisesse, formosa Estrela, servirte e obedecer-te, não posso dar-te o retrato, porque...

ESTRELA - És vilão e grosseiro amante. Já não o quero, nem quero que recordes o meu pedido. (sai)

ASTOLFO - Espera, Estrela! (pausa) Valha-te Deus, Rosaura donde, como, e de que maneira vieste hoje à Polônia, para me perder e te perderes? (sai)

(Mudança de cena; prisão de Segismundo na torre. Segismundo, como no princípio, com peles e grilhões, deitado no chão; Clotaldo, dois criados e Clarim.)

CLOTALDO - Deixem-no aqui. O seu orgulho acaba hoje onde começou.

CLARIM - Não despertes mais, Segismundo, para que não vejas mudada a tua sorte, e te sintas perdido de uma glória irreal. A tua glória foi uma sombra da vida e um prenúncio da morte.

CLOTALDO - Quem tão bem sabe discursar devia também prever um bom lugar onde exercitar a sua eloqüência. (aos soldados) Podem fechar também esse, (aponta um quarto contíguo)

CLARIM - A mim? Por quê?

CLOTALDO - Porque Clarim que conhece tão graves segredos deve ficar em prisão, com muros bastante espessos para guardar o que sabe.

CLARIM - Acaso eu ameço de morte o meu pai? Não. Atirei da janela algum novo Icaro? Eu durmo, ou sonho? Por que devo ser preso?

CLOTALDO - Porque és Clarim.

CLARIM - Então, desde amanhã serei corneta, caladinha, que é instrumento ruim!

(Levam-no, e Clotaldo fica só; entra Basílio, embuçado, enquanto Segismundo segue adormecido.)

BASÍLIO – Clotaldo.

CLOTALDO – Senhor! Vossa Majestade, aqui?

BASÍLIO – Uma tola curiosidade animou-me a vir ver o que acontece a Segismundo.

CLOTALDO – Ai está ele, reduzido a sua miserável condição.

BASÍLIO – Aí, príncipe infeliz e mal nascido! Procura despertá-lo, Clotaldo. O ópio lhe tirou as forças.

CLOTALDO – Está inquieto, senhor, falando baixo.

BASÍLIO – Quais serão seus sonhos, agora?

SEGISMUNDO (sonhando) - Piedoso é o príncipe que castiga os tiranos. Morra Clotaldo às minhas mãos e beije meu pai os meus pés.

CLOTALDO – Quer me matar.

BASÍLIO – Ameaça-me com maus tratos e humilhações.

CLOTALDO – Pretende roubar-me a vida.

BASÍLIO – Projeta derrubar-me a seus pés.

SEGISMUNDO (sonhando) - Surja na espaçosa praça do grande teatro do mundo este valor primordial: para realizar a vingança vejam o príncipe Segismundo que derrota o próprio pai. (despertando) Mas, onde estou?

BASÍLIO (escondendo-se) - Não convém que me veja. (a Clotaldo) Já sabes o que fazer. Fico para escutar de mais longe. (afasta-se)

SEGISMUNDO – Sou eu, porventura? Sou eu, preso e aferrolhado? Sois, torre, o meu sepulcro? Sim. Ah! Quantas coisas espantosas eu sonhei.

CLOTALDO – Já é hora de acordar?

SEGISMUNDO – Sim, já é hora de acordar.

CLOTALDO – Dormiste todo este tempo!

SEGISMUNDO – E acho que ainda não despertei. Pois se o que vi, palpável e certo, era sonho. O que vejo agora é incerto. Será que não sonho que estou acordado?

CLOTALDO – Conta-me o que sonhaste.

SEGISMUNDO – Mesmo que tivesse sido um sonho, não direi o que sonhei, Clotaldo, mas sim o que vi. Despertando, vi-me num leito colorido e magnificante. Mil nobres submissos a meus pés me chamaram príncipe, e me ofereceram pomposas roupas, adornos e jóias. Tu transformaste a calma do meu animo em alegria, revelando a minha sorte: embora esteja nesta miséria, eu era o príncipe herdeiro da Polônia.

CLOTALDO – Então, mereci um prêmio.

SEGISMUNDO – Não. Eu te mataria duas vezes, por traidor.

CLOTALDO – Por que tanta severidade?

SEGISMUNDO – Eu era senhor de todos, e a todos pe dia desforra. Só amava uma mulher...creio que tudo isto foi verdade, já que tudo se acabou... Só isto não se acaba...

(O Rei se vai)

CLOTALDO – Como antes de adormeceres havíamos falado sobre as águias, tu, dormindo, sonhaste grandezas impossíveis. Mas teria sido bom que, mesmo em sonhos, pudesses honrar quem te criou com tantos cuidados, Segismundo. Até em sonhos não se perdem as boas ações. (sai)

SEGISMUNDO (SÓ) - É certo; então reprimamos esta fera condição esta fúria, esta ambição, pois pode ser que sonhemos; eo faremos, pois estamos em mundo tão singular que o viver só é sonhar e a vida ao fim nos imponha que o homem que vive, sonha o que é, até despertar. Sonha o rei que é rei, e segue com esse engano mandando, resolvendo e governando. E os aplausos que recebe, vazios, no vento escreve; e em cinzas a sua sorte a morte talha de um corte. E há quem queira reinar vendo que há de despertar no negro sonho da morte? Sonha o rico sua riqueza que trabalhos lhe oferece; sonha o pobre que padece sua miséria e pobreza; sonha o

que o triunfo preza, sonha o que luta e pretende, sonha o que agrava e ofende e no mundo, em conclusão, todos sonham o que são, no entanto ninguém entende. Eu sonho que estou aqui de correntes carregado e sonhei que noutra estado mais lisongeiro me vi. Que é a vida? Um frenesi, Que é a vida? Uma ilusão, uma sombra, uma ficção; o maior bem é tristão, porque toda a vida é sonho e os sonhos, sonhos são.

TERCEIRA JORNADA

(Mesmo cenário; na torre de Segismundo, o compartimento de Clarim.)

CLARIM – Pelo que sei, vivo preso numa torre encantada. Quem me faz companhia são as aranhas e os ratos. Se pelo que sei me matam, que castigo me darão pelo que ignoro? Pode um homem com tanta fome estar a morrer vivendo? Quero dizer tudo em voz clara: todos irão acreditar, porque, para mim, silêncio não casa com o nome de Clarim. Não posso calar-me. Tenho a cabeça cheia dos sonhos desta noite: mil clarinetas, trombetas, miragens, procissões, cruzes, penitentes; uns sobem e outros descem, outros ainda desmaiam vendo o sangue que escorre dos corpos. Mas eu, é de fome que desmaio. Nestes novos tempos, consideram que é próprio dos santos agüentar e calar; mas santo, para mim, é isto de jejuar sem querer. Inútil queixar-me. E bem merecido o castigo que padeço, pois, sendo criado, calei-me, e isto é o maior sacrilégio.

Som de tambores, clarins e gritos, dentro.

1º SOLDADO – Está nesta torre. Derrubem a porta e entrar.

CLARIM – Graças a Deus: Não há dúvidas de que me procuram, pois dizem que estou aqui. Que será que eles querem?

1º SOLDADO - Entrem!

Entram vários soldados.

2º SOLDADO - Está aqui!

CLARIM – Não está.

SOLDADOS-Senhor...

CLARIM – Será que estão bêbados?

1º SOLDADO - Tu és o nosso príncipe. Não admitimos nem queremos senão o nosso príncipe

natural, e não o duque estrangeiro. Dá-nos os pés, senhor, para beijarmos.

SOLDADOS - Viva o nosso grande príncipe!

CLARIM (aparte) - Por Deus, parece que é sério. Será costume neste país prenderem uma pessoa num dia, consagrá-la como príncipe no outro e despachá-la no terceiro outra vez para a prisão? Sim, é, porque estou vendo. Preciso desempenhar meu papel.

SOLDADOS - Dá-nos os pés, senhor!

CLARIM - Não posso, porque preciso deles para mim. Além do que, seria feio um príncipe pernetar.

2º SOLDADO - Dissemos todos a teu pai que só a ti aceitaríamos como príncipe, e não a Astolfo.

1º SOLDADO - Sai, para reaver o teu império. Viva Segismundo!

TODOS - Viva!

CLARIM - Segismundo? Para vocês todos os príncipes à força são Segismundos?

SEGISMUNDO (aparecendo) - Quem chama aqui por Segismundo?

CLARIM - Pronto. Sou um príncipe gorado.

1º SOLDADO - Quem é Segismundo?

SEGISMUNDO - Eu.

2º SOLDADO (a Clarim) - O tolo atrevido! Querias fazer-te passar por Segismundo?

CLARIM - Eu, Segismundo? Nego isso. Foram vocês que me segismundaram.

1º SOLDADO - Grande príncipe Segismundo: nós te aclamamos senhor nosso. O teu pai, o grande Rei Basílio, receando que os céus cumpram uma profecia que prevê a submissão dele a ti, pretende tirar-te a faculdade da ação e o direito que te pertence: quer que em teu lugar liques Astolfo. Com esse sim reuniu a corte. Mas o povo, com um nobre desprezo pela profecia que se atribuiu ao teu destino, vem buscar-te, para que, ajudado pelas suas armas, saias desta prisão para reaver a tua imperial coroa e poder. Sai pois, que lá fora um exército numeroso de revoltados plebeus aguarda

para te aclamar. A liberdade te espera. Não ouves as vozes da multidão?

VOZES (dentro) - Viva Segismundo! Viva!

SEGISMUNDO – Que é isto, oh céu?! Queres que eu sonhe outra vez grandezas que o tempo há de desfazer? Queres que veja outra vez entre idéias e sombras vacilantes a majestade e a pompa varridas pelo vento? Queres que outra vez sinta a desilusão daquele que nasceu humilde e vive atento? Não. Não hei de tornar a verme agarrado pela minha desgraça. Adeus, oh sombras, que perante os meus sentidos agora fingem ter corpo e voz. Não quero o poder fingido, não quero pompas fantásticas, ilusões inúteis. Já vos conheço, e sei que isto é o que acontece com quantos sonham. Mas para mim acabaram as ilusões; estou acordado, sei muito bem que a vida é sonho.

2º SOLDADO - Se pensas que te enganamos, olha para fora e vê o povo que te aguarda, disposto a obedecer-te.

SEGISMUNDO – Já outra vez vi isto mesmo, tão clara e distintamente como agora estou a vê-lo...e foi sonho.

2º SOLDADO - Sempre, grande senhor, as grandes coisas trouxeram prenúncios: se já sonhaste com isto, foi um prenúncio.

CLOTALDO – Dizes bem: foi um prenúncio. E se ele se confirma, já que a vida é tão curta, sonhemos, alma, sonhemos outra vez, mas com a precaução de despertar deste engano na melhor altura, e de ver que ele acaba. Assim, consciente, será menor a desilusão... Tanto mais que recusar seria escarnecer da sorte e desafiá-la.. Atrevamo-nos a tudo, pois todo poder é emprestado e há de tornar ao seu legítimo dono. Vassallos, eu vos agradeço a lealdade. Em mim tendes quem os livrará da escravidão. É minha intenção empunhar armas contra meu pai e dar razão ao que está escrito nos

céus. Já que hei de vê-lo aos meus pés... tocai alarma!!

TODOS - Viva Segismundo! Viva!

Entra Clotaldo.

CLOTALDO – Que alvoroço é esse?

SEGISMUNDO – Clotaldo!

CLOTALDO – Senhor...

CLARIM (aparte) - Aposto que vai atirá-lo pela janela.

CLOTALDO – Já sei que chego a teus pés para morrer.

SEGISMUNDO – Ergue-te pai, ergue-te do chão, por- que vais ser o norte e guia de quantos confiarem nas minhas resoluções e porque já sei que devo a minha criação à tua lealdade. Dá-me tuas mãos.

CLOTALDO – Que dizes?

SEGISMUNDO – Digo que estou sonhando e que procuro agir bem, embora em sonhos.

CLOTALDO – Pois, senhor, se agir bem é agora o teu lema, penso que não te ofenderás por eu hoje procurar outro tanto. Mas, fazer guerra a teu pai! Eu não posso aconselhar-te contra o meu rei, nem ajudar-te. Estou aqui a teus pés. Mata-me.

SEGISMUNDO – Vilão, traidor ingrato! (aparte) Céus! Devo moderar-me pois, não sei ainda se estou acordado (alto) Clotaldo, invejo a tua coragem e te agradeço. Vai servir ao rei; no campo de batalha nos veremos.

CLOTALDO – Beijo mil vezes os teus pés. (sai)

SEGISMUNDO – Vocês, toquem às armas! Vamos reinar, minha sorte! Não me despertes, se durmo e, se Estou acordado, não me adormegas. Se for realidade, por isso mesmo; senão, por ganhar amigos para quando despertarmos.

Saem todos; tocam os tambores. Mudança de cena; salão do palácio real. Basilio e Astolfo.

BASÍLIO – Quem, Astolfo, sendo valente, poderá deter a fúria de um cavalo sem freio? Quem, sendo prudente, poderá deter o caudal de um rio que corre, soberbo e vertiginoso, para o mar? Pois parece mais fácil deter tudo isso que a soberba ira do povo. Que o diga o rumor da plebe dividida que, de um lado, grita: Astolfo! E de outro: Segismundo! E o rumor ressoa e multiplicasse em ecos por todo o país.

ASTOLFO – Senhor, adia-se hoje o que a tua mão me prometia. Se a nação ainda resiste em aceitar-me é preciso que eu a mereça primeiro. Dá-me a tua ajuda e que um raio caia sobre quantos se julgam trovão! (sai)

BASÍLIO – Pouco conserto tem o que é inevitável: e muitos riscos o que é previsível. O que tem de ser, será. Que dura lei! Pensando fugir ao perigo, ofereci-me ao perigo. Com o que eu reprimia, me perdi. Eu mesmo, eu destruí a minha pátria.

Entra Estrela.

ESTRELA – Se com tua autoridade não tratas de refrear o tumulto desenfreado que vai crescendo pelas ruas e praças, entre os dois grupos do povo dividido, verás o teu reino afogar-se em sangue. Os soldados já parecem esqueletos vivos!

Entra Clotaldo.

CLOTALDO – Graças aos céus, chego vivo aos teus pés!

BASÍLIO – Clotaldo! Que notícias me dás de Segismundo?

CLOTALDO – O povo, desabrido e cego, entrou na prisão e de lá tirou o príncipe. Vendo-se restituído à sua condição, ele mostrou valentia, dizendo ferozmente que há de dar razão aos vereditos do céu.

BASÍLIO – Preparem-me um cavalo! Quero ser eu, em pessoa, a vencer na luta a um filho ingrato. Que ao menos na defesa da minha coroa vencer as armas e sejam derrotados os presságios!

Saem Basilio e Estrela; quando Clotaldo vai sair, entra Rosaura, que o detém.

ROSAURA – Embora as virtudes do teu peito gritem, ouve-me a mim, que sei que tudo é guerra. Mandaste que eu vivesse disfarçada no palácio e que evitasse encontrar-me com Astolfo. No entanto, ele acabou por me ver e ficou em tão difícil situação que passou a falar com Estrela à noite, num jardim. Ora, eu tenho a chave do jardim e posso entregá-la a ti, para que mates Astolfo. Assim, ficará restaurada a minha honra.

CLOTALDO – É verdade que, desde o dia em que te vi, fiquei decidido a fazer por ti o mais que pudesse, Mas quando Segismundo pretendeu assassinar-me, Astolfo interveio em minha defesa, demonstrando-me a sua afeição. Como poderei eu, tendo a alma agradecida, pensar em dar morte a quem me salvou a vida?

ROSAURA – Um dia me salvaste a vida; mas me disseste que vida manchada não é vida. Devo supor, então, que não me deste nada? Queres ser ao mesmo tempo generoso e agradecido? Se antes generoso. Salva a minha honra. Serás grato depois.

CLOTALDO – Serei apenas generoso. Eu, Rosaura, te dou a minha fortuna. Recolhe-te a um convento, é a melhor solução que te posso dar. Nesta altura, quando o reino, dividido, sofre tão graves desditas, não hei de ser eu, que nasci nobre, quem as aumentará. Creio que não poderia fazer mais e melhor, mesmo que fosse teu pai,

ROSAURA – Se fosses meu pai e não me vingasses, se ria eu quem sofreria a injúria.

CLOTALDO – Que pensas fazer?

ROSAURA – Matar o duque.

CLOTALDO – Uma dama, que não conheceu o pai, tem tanta coragem?

ROSAURA – Eu tenho!

CLOTALDO – O que te encoraja?

ROSAURA – A minha fama.

CLOTALDO – Olha que terás de enfrentar Astolfo...
ROSAURA – Toda a minha honra o condena.
CLOTALDO – É o novo rei, e o noivo de Estrela!
ROSAURA – Deus não há de permitir!
CLOTALDO – É uma loucura.
ROSAURA – Bem sei.
CLOTALDO – Pois cura-te dela.
ROSAURA – Não posso.
CLOTALDO – Perderás, certamente...
ROSAURA – Já sei...
CLOTALDO – ... vida e honra.
ROSAURA – Não duvido.
CLOTALDO – Que tens em mente?
ROSAURA – Matar-me, depois.
CLOTALDO – Isso é despeito.
ROSAURA – É honra.
CLOTALDO – E desatino.
ROSAURA – É coragem.
CLOTALDO – É delírio.
ROSAURA – É raiva, é ira.
CLOTALDO – Quem vai te ajudar?
ROSAURA – Vou sozinha.
CLOTALDO – Não desistes?
ROSAURA – Não.
CLOTALDO – Pensa bem se há outras maneiras...
ROSAURA – Do contrário, estaria perdida. (sai)
CLOTALDO – Já que tens de perder-te, espera, filha,
e percamo-nos todos. (sai)

*Mudança de cena; Segismundo, vestido de peles,
com soldados que marcham, e Clarim. No campo.
Rufam tambores*

SEGISMUNDO – Se a Roma triunfante dos seus
começos imperiais me visse neste momento, como
se alegraria por ter conseguido a fura que eu sou
para dirigir os seus poderosos exércitos!

*Entra Rosaura, vestida com saio de pastor, com
espada e adaga.*

ROSAURA – Generoso Segismundo: tua majestade heróica nasce ao dia dos seus feitos da noite de suas sombras. Grande amanheças ao mundo, lúcido sol da Polônia ea uma mulher infeliz que hoje a teus pés se arroja ampares por ser mulher e infeliz: duas coisas que ao homem que for valente qualquer uma basta e sobra. Três vezes já tu me viste em diverso traje e forma: a primeira em tua prisão, estando eu vestida de homem. Na segunda, era mulher. Quando estavas tu na corte. A terceira é esta, quando sou mulher e armas suporto. Nos palácios de Moscou nasci, de mãe muito nobre, e de um traidor, cujo nome não digo porque o ignoro. Minha sorte foi tão dura quanto a desta mãe formosa. Também conheci ladrão dos troféus da minha honra. Astolfo! Ai de mim! Seu nome me encoleriza e me enoja. Astolfo foi dono ingrato que, olvidado de suas glórias (porque, de um passado amor se esquece até a memória) veio à Polônia, chamado por sua ambição famosa para casar-se com Estrela, do meu crepúsculo o foco. Eu, ofendida, burlada calei minhas penas fundas até que um dia, a Violante contei as, todas chorosa. Ela então contou-me as suas consolando-me, piedosa. Juiz que foi delinqüente quão facilmente perdoa! Deu-me a espada recebida do raptor de sua honra, e mandou que, disfarçada, vestisse trajes de homem. "Vai à Polônia", me disse "para que te vejam os nobres; em algum encontrarás consolo para tuas dores". Aqui encontrei Clotaldo, o que me salvou da morte e me pediu fosse dama de Estrela, noiva de Astolfo. No entanto, quer impedir somente esse matrimônio e pede que minha luta por minha honra abandone. Por isso hoje venho a ti Segismundo! E em tua pessoa ponho minha confiança ofereço a minha força. Mulher, para me queixar, varão, para ganhar glórias.

SEGISMUNDO –Oh céus! Era então verdade? Mas então não era sonho? como pode esta mulher dizer

coisas tão notórias? Pois se é assim, e há de ver-se desvanecida entre sombras a grandeza e o poder a majestade e a pompa saibamos aproveitar este pouco que nos toca pois só se goza na vida o que entre sonhos se goza. Rosaura está em meu poder, é bela, e minha alma a adora... (mudança) Mas não... é mulher ferida... e mais a um príncipe toca dar honra do que tirá-la. Por Deus! Que de sua honra hei de ser conquistador mais que de minha coroa.

ROSAURA – Senhor! Pois assim te vais? Nem uma palavra boa te merece o meu cuidado te merece o meu desgosto? Como é possível, senhor, que não me olhes nem me ouças?

SEGISMUNDO – Rosaura: o dever me força por ser piedoso contigo a ser cruel contigo agora. Não te responde esta voz para que o brio responda; não te falo, porque quero que por mim falem as obras nem te olho, pois é força, em pena tão rigorosa que não olhe tua beleza quem deve olhar por tua honra.

ROSAURA – Meu Deus, que palavras dizes: Depois de tanto pesar posso eu me conformar com enigmas infelizes?

Entra um soldado cantando.

SOLDADO (cantando) - Já se declarou a guerra de Segismundo a Basílio. Já saem para o combate forças do pai e do filho. Soam tambores valentes no palácio sitiado; agora é a hora da morte para os míseros soldados. Uns gritam: "Que viva o rei!" outros: "Viva a liberdade!"

Todos querem o poder e redobra a luta armada e soa a hora da morte para o povo esfomeado. O exército de Basílio sofre derrota fatal. Também se acabam os reis quando o maior é rival. E se a morte nos persegue de pouco adianta fugir, pois mesmo estando escondido caiu ferido Clarim. Clotaldo aconselha a todos, Astolfo busca a batalha, ao rei suplicam que fuja montado em seu cavalo.

Porém, Basílio recusa mesmo que a morte o aguarde. Do lado de Segismundo mostram-lhe onde o rei se acha; o príncipe, sem perdão, ordena que os seus soldados busquem nos bosques e árvores cada tronco e cada ramo. Quando Basílio compreende que terminou a contenda depõe as armas que tinha e ante o filho se apresenta, para que o curso da vida mais uma vez se mantenha...

Entram Basílio, Clotaldo e Astolfo, que vêm fugindo.

BASÍLIO – Ai de mim, rei infeliz! Ai de mim, pai perseguido
CLOTALDO – Teu exército, vencido foge de inimigos vist

ASTOLFO – Os traidores triunfantes ficam

BASÍLIO – Em batalhas tais os que vencem são leais e vencidos os traidores. Fugamos, Clotaldo, pois, do cruel, do desumano rigor de um filho tirano.

Ouve-se um tiro dentro e Clarim sai, ferido, de onde *estava*.

CLARIM – Valha-me Deus!

ASTOLFO – Mas quem é este misero soldado que a nossos pés vem cair do próprio sangue manchado?

CLARIM – Sou um homem desgraçado que por querer me guardar da morte, a fui procurar. Fugindo dela, encontrei a morte, pois não há lugar para a inimiga secreto. Quanto mais longe te escondes rais te alcança a sua seta. Por isso digo: voltai à sangrenta guerra, e logo, porque entre as armas e o fogo bem mais seguros estais que no bosque mais guardado; não há seguro caminho contra a força do destino e a inclemência do Fado. De pouco vale tentar da morte se defender: sempre acaba por morrer aquele que Deus mandar. (cai morto)

BASÍLIO – Sempre acaba por morrer aquele que Deus mandar! Com que razão esclarece nossa pobre ignorância e nos dá conhecimento este cadáver que fala por boca de uma ferida sendo o sangue que derrama cruenta língua que ensina o

pouco valor do esforço que fazemos contra a sina; o homem bem pouco alcança se ante si aliasse a Força! Pois eu, por livrar de mortes e sedições minha pátria terminei por entregá-la aos traidores que evitava.

CLOTALDO – Inda que saiba o destino os caminhos, e inda que ache a quem busca, na espessura de penhascos, não é próprio de nossa gente cristã perder a fé na vitória. Certo é que o varão prudente vence o destino carrasco e se não está protegido contra a pena e a desgraça procura como salvar-se.

ASTOLFO – Clotaldo, senhor, te fala como prudente varão que madura idade alcança: eu, como jovem valente. Por entre as espessas matas deste monte está um cavalo rápido filho dos ventos.

Foge, que eu te guardarei de todos os elementos.

BASÍLIO – Se Deus quiser que eu pereça ou se a morte a mim me aguarda aqui a quero encontrar esperando, cara a cara

Entram Segismundo, Estrela, Rosaura, soldados, corte

BASÍLIO – Se andas a procurar-me, aqui estou, príncipe, ao teu dispor. Calca a minha frente e pisa a minha coroa; abate, arrasta minha dignidade, vinga-te na minha honra, serve-te de mim como escravo. E após tantas precauções, cumpra-se o que estava escrito. Cumpra o céu a sua palavra.

SEGISMUNDO – Ilustre corte da Polônia, que és testemunha de fatos tão surpreendentes, escuta o que determina o teu príncipe! Deus escreveu tudo o que o céu determina e que, cifrado nos espaços azuis, nunca engana ou mente. Engana e mente, sim, quem decifrar as determinações do céu para as usar em seu benefício. Meu Pai, aqui presente, para se eximir à sanha da minha condição, fez de mim um bruto, uma fera humana, de maneira que eu, devendo ter nascido galhardo, generoso, dócil e humilde, para o que bastaria uma vida normal,

aprendi desde a infância os meus costumes com as feras. Que bom modo de impedir esses costumes! Se dissessem a um homem: "Uma fera vai te matar!" - iria ele despertá-la enquanto dormia? Se dissessem: "Essa espada que trazes cingida será aquela que te matará" - seria tolice, para evitar o desastre, desembainhar a espada e apontá-la contra o próprio peito. Se dissessem: "Montanhas de água hão de ser a tua sepultura num poço de prata" - mal faria ele em se atirar ao mar, quando, espumando, eriça a raiva de suas ondas. Aconteceu ao meu pai o mesmo que acontece a quem, sendo ameaçado por uma fera, a desperta; a quem, sendo visado por uma espada, a encosta ao peito; a quem agita as ondas de um mar tempestuoso. Uma vez desencadeadas as forças, não poderia mais descansar a minha sanha, adoçar a espada da minha fúria, tranquilizar a dureza da minha violência, porque o futuro não pode ser afeiçoado com injustiças e fomes de vingança. Assim, quem deseja dominar a sua má sorte, terá de usar de prudência e temperança. Ninguém se preserva dos desastres que ainda não aconteceram: quando muito poderá prevêê-los e acautelá-los na devida altura; sua chegada, ninguém poderá evitar. Que nos sirva de exemplo o que neste local aconteceu, espetáculo prodigioso e singular! Basta termos chegado a ver, apesar de todas as prudências, ajoelhado a meus pés um pai e derrubado um monarca. Foi veredito do céu; por mais que ele quisesse impedi-lo, nada pode fazer. Poderei eu, no entanto, que sou menor na idade, nos méritos e na sabedoria, dominar o meu destino? (ao rei) Ergue-te, Senhor, e dá-me a tua mão.

BASÍLIO – Filho! Com tão nobre ação outra vez as minhas entranhas te geram, és o príncipe. Mereces o laurel da tua condição e a palma da tua vitória. Venceste. Que as tuas façanhas te coroem!

TODOS – Viva Segismundo, Viva!

SEGISMUNDO – Porque espero obter outras grandes vitórias, vou alcançar a mais custosa hoje: vencer-me a mim próprio. Astolfo, dá a mão a Rosaura. Tu lhe deves a honra e eu estou disposto a fazer-te pagar essa dívida.

ASTOLFO – Embora seja verdade que lhe devo obrigações, repara que ela não conhece pai e seria uma baixeza infamante eu casar-me com mulher...

CLOTALDO – Não continues. Rosaura é tão nobre quanto tu, Astolfo, e a minha espada a defenderá. Basta declarar que é minha filha.

ASTOLFO – Que dizes?

CLOTALDO – Que eu quis guardar segredo disto até a ver casada, nobre e honrada. A história é muito longa, mas é certo, é minha filha.

ASTOLFO – Pois sendo assim, cumprirei a minha palavra.

SEGISMUNDO – Para que Estrela não fique desconsolada, vendo que perde um príncipe com tanto mérito e fama, pela minha mão hei de casá-la com alguém que, se não o excede, o iguala. Dá-me a tua mão!

ESTRELA – Eu não mereço tanta felicidade!

SEGISMUNDO – Clotaldo, que lealmente serviu meu pai, tem os meus braços à sua espera, com as mercês que queira solicitar.

SOLDADO - Se assim recompensas quem não te auxiliou, que me darás a mim que causei a rebelião no reino, libertando-te da prisão em que jazias?

SEGISMUNDO – A prisão. E para que não saias nunca de lá, has de permanecer vigiado até a morte; estando a traição passada, já não é preciso o traidor.

BASÍLIO – O teu talento surpreende a todos.

ASTOLFO – Que caráter tão mudado!

ROSAURA – Que sábio e que prudente!

SEGISMUNDO – O que é que vos espanta? Se o meu mestre foi o sono e temendo em minhas ânsias estou, de acordar na torre? E mesmo que assim não seja, basta sonhá-lo de novo. Assim cheguei a saber

que a felicidade humana passa sempre como um sonho e hoje quero aproveitá-la ainda que dure pouco pedindo, de nossas faltas a todos os que me ouvem perdão, pois em peitos nobres o perdão é flor de ouro.